

**A GRAMÁTICA HISTÓRICA: 2º GRAU E VESTIBULARES
(CARVALHO; NASCIMENTO):
UMA ABORDAGEM FILOLÓGICA**

Miguél Eugenio Almeida (UEMS/UUCG)
mealmeida_99@yahoo.com.br

RESUMO

Será apresentada, nesta obra didática de gramática histórica, uma reflexão da linguística histórica comentando principalmente os elementos relevantes para o estudo diacrônico da língua portuguesa, quer sob a abordagem externa, quer sob a abordagem interna da língua portuguesa. Assim, ao desenvolvermos este trabalho de análise de obra didática, orientamo-nos pela segunda via dos estudos históricos da língua portuguesa: “[...] voltar ao passado para iluminar o presente [...]” (FARACO, 2005, p. 118). O passado da língua portuguesa, no caso, é o ponto de partida para a compreensão da formação e evolução das formas da língua no presente.

Palavras-chave: Gramática histórica. Vestibular. Filologia.

1. Considerações iniciais

Apresentamos, nesta obra didática de filologia, uma reflexão filológica comentando principalmente os elementos relevantes para o estudo diacrônico da língua portuguesa, quer sob a abordagem externa, quer sob a abordagem interna da língua portuguesa.

Assim, ao desenvolvermos este trabalho de análise de obra didática, orientamo-nos pela segunda via dos estudos históricos da língua portuguesa: “[...] voltar ao passado para iluminar o presente [...]” (FARACO, 2005, p. 118).

O passado da língua portuguesa, no caso, é o ponto de partida para a compreensão da formação e evolução das formas da língua no presente.

Para tanto, dividimos o trabalho em questão em dois momentos: – objetivo da obra didática de filologia portuguesa; organização da obra didática de filologia portuguesa. No primeiro momento, tecemos considerações pertinentes a importância dos rudimentos filológicos para os alunos do ensino básico – 2º grau – aprofundando o aprendizado do português. No segundo momento, apresentamos, em linhas gerais, a organização dessa obra de gramática histórica comentando as obras e os autores referenciados pela filologia portuguesa, principalmente.

2. Objetivo da obra didática de filologia portuguesa.

Os autores – Carvalho e Nascimento –, na apresentação da obra didática em questão, justificam inicialmente o motivo da produção desse material, quando se reportam a fala do latinista brasileiro:

O professor Vandick Londres da Nóbrega, referindo-se à extinção do latim nos currículos ginásiais e colegiais, escreveu que “os responsáveis pela fixação das diretrizes da educação nacional, em nome de uma hipotética liberdade, feriram profundamente os ensinamentos clássicos”. (CARVALHO; NASCIMENTO, 1972, Apresentação).

No bojo dos “ensinamentos clássicos”, temos certamente a compreensão interna e externa da língua, porque aí está o seu alicerce fundamentando os elementos estruturais e sócio-históricos culturais da formação do povo falante do português.

Destarte, a língua é um dos mais importantes produtos culturais de um povo. Ao renegarmos a tradição clássica da língua, estamos escondendo o grande tesouro enriquecedor do conhecimento humano, ou melhor dizendo com o antropólogo:

[...] uma cultura é a forma da sociedade. Uma sociedade sem cultura é uma sociedade sem forma – um ajuntamento ou coleção de indivíduos mantidos juntos por necessidades do momento; por outro lado, quanto mais forte é uma cultura tanto mais completamente enforma a sociedade e transforma os diversos materiais humanos, dos quais é composta. (DAWSON, 1948, *apud* MONDIN, 1980, p. 171).

Diante destas considerações, a cultura apresenta-se como um dos pilares da sociedade mantendo-a viva, para fomentar ainda mais a construção do fazer do homem, perpassando pelo uso da linguagem, ou melhor compreendendo com a filosofia do homem:

A linguagem é um dos meios fundamentais do espírito, graças ao qual se realiza a nossa passagem do mundo da sensação ao mundo da visão e da representação. Ela compreende já em germe o trabalho intelectual, que em seguida se exprimirá na formação do conceito científico e como unidade lógica da forma. (CASSIRER, 1961, p. 147).

No caso, a linguagem é a relação lógica formal do ser da coisa com o sujeito do conhecimento da coisa. A linguagem expressa a cultura sob todas as dimensões humanas.

Ao entrarmos em contato com as culturas clássicas, estamos nos aproximando da língua e da literatura clássica. Dessa forma, conforme o latinista:

O conhecimento das palavras latinas não só vos fará entender a significação de muitas palavras portuguesas que antes ignoráveis, senão também vos fará apreciar melhor o verdadeiro sentido de muitas que antes conheceis. Se adquirirdes agora o hábito de perseguir até sua origem latina, qualquer palavra nova que encontrardes na leitura, descortinareis sempre novos horizontes no conhecimento da vossa própria língua e adquirireis um domínio sempre maior de expressão, que vos será de suma utilidade mais tarde, porque melhorará a vossa eficiência em qualquer profissão. (VALENTE, 1952, p. 12).

Diante desta justificativa, entendemos a necessidade do estudo do latim e, em contrapartida, da leitura dos clássicos, em geral. O latim ajuda na compreensão da base do funcionamento das línguas neolatinas e, de modo especial, o português. A medida que aplicamos o estudo do latim na leitura dos escritores clássicos, visualizamos cada vez mais as formas latinas comparadas as formas do português, por aproximação e distanciamento das variações ocorrentes.

Por isso, os autores de gramática histórica/didática resgatam o estudo diacrônico do português, a partir da seguinte proposição:

[...] este compêndio de gramática histórica tem uma função supletiva, no sentido de levar ao estudante os subsídios indispensáveis para que ele possa sentir melhor a razão ou a justificativa dos fatos lingüísticos atuais, donde esperamos que lhe resulte maior amor e zelo para com nosso idioma pátrio. (CARVALHO & NASCIMENTO, *op. cit.*, Apresentação).

Desse modo, o estudante de língua portuguesa tem a oportunidade de fazer relações diacrônicas das formas da língua, quando verifica o seguinte dado:

[...] a idéia de que o atual estado de coisas teve uma gênese e se torna compreensível quando podemos explicar de que forma ele veio a ser como é, ou seja, quando podemos retrair o fluxo histórico que resultou no presente, buscando no ontem a raiz do hoje. (FARACO, *op. cit.*, p. 121).

Ir ao passado para iluminar o presente é buscar no ontem o entendimento lógico da formação/evolução das formas da língua, ou melhor elucidando com o linguista histórico: [...] nossa tarefa de historiadores é recuperar o passado, buscando estabelecer os caminhos que foram percorridos até se chegar à situação atual. (*Id., ibid.*, mesma página). Portanto, ao orientarem-se por esta via exploratória do estudo diacrônico do português, verificamos que os autores em questão detêm-se em explicar/descrever internamente a língua, quer sob o aspecto da fonética, quer sob o aspecto morfossintático e quer sob o aspecto lexicográfico, principalmente. Outrossim, diante desta proposta didática de uma gramática histórica, estes autores, após a exposição de um tema dado, apresentam uma série de exercícios e questionários de fixação.

Assim, sob esta perspectiva histórica da língua, esse manual – *Gramática Histórica: 2º Grau e Vestibulares* – atende satisfatoriamente a proposta a que se destina.

3. *Organização da obra didática de filologia*

Basicamente, essa obra didática, *Gramática Histórica: 2º Grau e Vestibulares*, compreende duas abordagens da língua: abordagem externa e interna. A primeira contempla uma parte, especificamente definida no índice⁴. Visualizemos no quadro abaixo:

Formação Histórica da Língua Portuguesa	
Origem da Língua Portuguesa	19
Romanização da Península Ibérica	20
Dialetação do Latim Vulgar	21
História da Língua Portuguesa	22
Fundação do Condado Portucalense	22
O Galego-Português	22
Fases da Língua Portuguesa	25
Domínio geográfico da Língua Portuguesa ...	26

Desse modo, o estudo da língua portuguesa, na sua formação e evolução, busca inclusive o aparato externo e interno da história das civilizações, subsidiando o estudioso da história da língua na leitura e interpretação dos antigos documentos escritos; pois, conforme o filólogo:

Dirige-se a filologia ao conhecimento de uma civilização, de uma cultura através de documentos escritos, tendo como instrumento principal o estudo da língua em que foram exarados tais documentos. Tantas quantas forem as civilizações deixadas em certas e determinadas línguas, tantas e quantas serão também as filologias. Assim, a filologia latina estudará os poetas e os prosadores de Roma e através dos seus escritos chegará a desvendar, em todo o seu esplendor, o estado de adiantamento a que haviam chegado, por exemplo, na época de Augusto. (BUENO, 1946, p. 18).

No caso, o contexto histórico, em que os documentos foram escritos, vem somar para o entendimento da origem e formação da língua, quando indagamos: qual é a data do documento? O que levou a produção do documento? O documento dirige-se a quem? E entre outras questões que poderão ser formuladas. Perseguindo estas questões, estamos verificando o contexto histórico dessa produção escrita; ou elucidando mais

⁴ Não mencionamos aqui os tópicos: noções de linguagem, língua e dialeto; língua latina; línguas românicas.

com o estudioso da linguística histórica:

Quando se fala em história externa [da língua], tem-se de pensar também na estrutura sociolingüística e, até mesmo, numa espécie de micro-história, ou seja, numa história que busca recuperar o cotidiano das populações (seu trabalho, alimentação, moradia, vestuário, lazer) e sua contraparte lingüística, o que acaba por revelar complexas redes de relações culturais entre grupos, regiões e povos diferentes que podem ter efeitos sobre a mudança lingüística. (FARACO, *op. cit.*, p. 60).

Compreendendo o fato social da língua, depreendemos que ela expressa – fixa – o comportamento de um grupo social em um determinado espaço físico, cultural e temporal. Por isso, a história e a cultura de um povo determina, por sua vez, os usos da língua para todos os setores da atividade humana.

Outrossim, a abordagem interna da língua portuguesa, tratada nesse manual, está contemplada, conforme o índice dessa obra⁵, no quadro abaixo:

Noções Elementares de Fonética Histórica	
Vogais	
Consoantes	33
Metaplasmos	35
Vocalismo	
Quadro comparativo entre as vogais tônicas no Latim Clássico e no Vulgar	51
Vogais átonas: pretônicas e postônicas	53
Estudo dos ditongos	54
Causas da ditongação	55
Estudo dos hiatos	56
Consonantismo	
Consoantes simples	57
Grupos consonantais	59
Grupos homogêneos	59
Grupos próprios iniciais	60
Grupos próprios mediais	60
Grupos impróprios	62
Grupos de consoantes mais semivogal	63
Formas divergentes e convergentes	
Causas das formas divergentes	69
Corrente popular	69

⁵ Deixamos de mencionar: analogia; formação do vocabulário do português; o português do Brasil; arcaísmos.

Corrente erudita	70
Corrente estrangeira	70
Formas convergentes	70
Causa única das formas convergentes	71
Justificativa histórica da ortografia portuguesa	
Períodos: fonético, pseudoetimológico e simplificado	73
Morfologia Histórica	
Os casos latinos.....	77
Redução dos casos: O caso lexicogênico	78
Vestígios dos casos em Português	80
As declinações	80
Redução das declinações	80
O gênero dos substantivos. Desaparecimento do gênero neutro	81
Vestígios do gênero neutro em Português	82
Redução das conjugações	82
Tempos que se perderam ou assumiram novas funções	84
Quadro comparativo da conjugação latina com a conjugação portuguesa ...	84
Criações românicas	86
Futuro do presente e do pretérito	86
Tempos compostos	87
O infinitivo pessoal ou flexionado	88
A voz passiva analítica nos tempos do <i>infectum</i>	88

Portanto, esta parte deste estudo mostra-nos a história interna verificada pelo “[...] conjunto de mudanças ocorridas na organização estrutural da língua no eixo do tempo;” (*Id., ibid.*, p. 59).

A seguir, no quadro abaixo, apresentamos um conjunto de teóricos, citados na obra em questão, fundamentando questões no âmbito da lingüística e no âmbito da filologia, em geral. Esses autores representam as autoridades acadêmicas referentes aos estudos diacrônicos e sincrônicos da língua portuguesa, principalmente.

Teóricos	Pontos abordados
Dr. J. Mattoso Câmara Jr.	A noção de dialeto (p. 11)
Dr. Silveira Bueno e Leite de Vasconcelos	Indagação: Somente as “fronteiras naturais ou divisões políticas”, como fatores extrínsecos, bastam para formar o dialeto? (p. 11)
Menendes Pidal	As razões da perda da declinação latina. (p. 79)
Leite de Vasconcelos	As fases da Língua Portuguesa (p. 25). Teoria sobre o aparecimento do infinitivo flexionado em português (p. 88).
Meyer-Lübke	Teoria sobre o aparecimento do infinitivo flexionado em português (p. 88).
Adolfo Coelho e Darmester	Arcaísmos da língua. (p. 103)
Antônio Dinis da Cruz e Silva	Arcaísmos morfológicos. (p. 104).
Grandgent	Redução das declinações (p. 80)

Portanto, verificamos neste quadro uma relação de oito autores de grande expressão na área da filologia portuguesa, principalmente, que embasam e introduzem suficientemente estes estudos. Não poderíamos esperar que essa obra abrangesse profundamente as questões históricas do português, porque a intenção é subsidiar o estudante para os estudos iniciais do português, propriamente dito.

Além dessas colocações, apresentamos, no quadro abaixo, uma lista de títulos referindo-se às fontes históricas e/ou autores citados nesta obra:

Fonte histórica: - <i>Peregrinatio ad Loca Sancta</i> (p.16), citado. - <i>Appendix Probi</i> (p.16), exemplificado. - <i>Cantiga da Ribeirinha</i> (p.24), de Paio Soares de Taveirós	Modalidade: → Latim Vulgar → Latim Vulgar → Português-Arcaico (1ª fase)
Autores: - Cícero (p.14, 86, 87) - Santo Agostinho (p.14) - Camões (p.25, 65); - Fernão Lopes, Gomes Eanes Zuarei, Rui de Pina (p.25) - Pe. Fernão de Oliveira, João de Barros (p.25) - Sá de Miranda (p.65) - Plauto, Terêncio, Catão (p.80) - Sêneca (p.86)	Período histórico: → História Antiga/ Latim Clássico → História Medieval/ Latim Clássico → História Moderna/ Português Mod. → História Medieval/Português Méd. → História Moderna/Português Mod. → História Moderna/Português Mod. → História Antiga/ Latim Clássico → História Antiga/ Latim Clássico

Este conjunto de obras e autores, na história da língua portuguesa, dão-nos uma ideia fundamental para o entendimento da formação e evolução desta língua contemplando os aspectos da história interna, principalmente.

Destarte, a obra didática, em questão, abrange os autores da história antiga até a história moderna; e os documentos escritos no latim clássico, latim vulgar, português-arcaico e português moderno.

4. Considerações finais

Nessa obra didática, pontuamos considerações pertinentes relacionadas à importância justificando o estudo diacrônico do português. O aluno iniciante desse estudo necessita dos rudimentos filológicos, para que possa compreender profundamente o funcionamento do sistema da língua em questão, ou melhor, o processo de formação e evolução desta no âmbito da fonética, morfologia e sintaxe, principalmente. Isto sob o aspecto interno.

Em outro aspecto, a história externa da língua compreende o contexto histórico, cultural e social dos falantes ditando o uso da língua escrita, apresentada nas fontes históricas. São estas fontes históricas que nos ditam, além dos elementos internos, os usuários da língua escrita em um contexto social e político, notoriamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, S. *Estudos de filologia portuguesa*: 1º vol. São Paulo: Saraiva/Acadêmica, 1946.

CARVALHO, D; NASCIMENTO, M. *Gramática histórica* para o 2º grau a vestibulares. 8. ed. São Paulo: Ática, 1972.

CASSIRER, E. *Antropologia filosófica*. Trad.: Vicente Felix de Queirós. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

DAWSON, C. Religion and Culture. Londres, 1948. In: MONDIN, B. *O homem: quem é ele?* Elementos de antropologia filosófica. Trad.: R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 48.

FARACO, C. A. *Linguística histórica*: uma introdução ao estudo histórico das línguas. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Parábola, 2005.

VALENTE, M. *Ludus primus*: 1ª série ginásial. 56. ed. Porto Alegre: Selbach, 1952.